

SARI HANNELE KOIVUKANGAS

APLICAÇÃO DA TRILOGIA ANALÍTICA NO ENSINO DE IDIOMAS
MÉTODO PSICOLÍNGÜÍSTICO TRILÓGICO

INPG – INSTITUTO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
UNIKP – UNIVERSIDADE LIVRE KEPPE E PACHECO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DA
PSICO-SÓCIO-PATOLOGIA

SÃO PAULO

2013

SARI HANNELE KOIVUKANGAS

APLICAÇÃO DA TRILOGIA ANALÍTICA NO ENSINO DE IDIOMAS
MÉTODO PSICOLÍNGÜÍSTICO TRILÓGICO

Monografia apresentada como exigência para a conclusão do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Gestão da Psico-Sócio-Patologia perante a Faculdade INPG e o INPG – Instituto Nacional de Pós-Graduação e a UNIKP – Universidade Livre Keppe e Pacheco, sob a orientação do Professor Ricardo Alves.

SÃO PAULO

2013

FOLHA DE APROVAÇÃO

INPG – INSTITUTO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

UNIKP – UNIVERSIDADE LIVRE KEPPE E PACHECO

APLICAÇÃO DA TRILOGIA ANALÍTICA NO ENSINO DE IDIOMAS

MÉTODO PSICOLÍNGÜÍSTICO TRILÓGICO

Monografia apresentada pela aluna Sari Hannele Koivukangas ao Curso de Pós-Graduação lato sensu em Gestão da Psico-Sócio-Patologia.

Orientador: Professor Ricardo Alves

Aprovada com a nota _____

SÃO PAULO

2013

DEDICATÓRIA

“Este trabalho, por tratar principalmente da consciência, é dedicado ao Consolador cuja vinda o próprio Cristo profetizou, e eu também o dedico a todos os professores que venham utilizar o método trilógico”.

AGRADECIMENTOS

“Agradeço a Dr. Norberto Keppe, meu analista, professor e guia espiritual, Dra Cláudia B. S. Pacheco, idealizadora e coordenadora geral do curso de Gestão da Psico-Sócio-Patologia (Trilogia Analítica), todos professores e organizadores do curso que compartilharam conosco o seu conhecimento e afeto, os meus colegas e todos os alunos da Millennium que enriqueceram a minha vida durante todos estes anos. Agradeço aos meus pais Prof. Olavi e Pirjo Koivukangas que desde infância me levaram apreciar o estudo e a cultura com o seu exemplo. Agradeço ainda a Marcos Vescovi Pera que ajudou na realização deste trabalho.”

“A consciência constitui uma janela aberta
entre o ser humano e a transcendência.”
Norberto R. Keppe

RESUMO

A presente monografia apresenta uma aplicação da Trilogia Analítica, o método psicolinguístico trilógico criado pelo psicanalista e pedagogo Dr. Norberto Keppe que faz uma desinversão da metafísica e unifica os campos da teologia, filosofia e ciência. Ela aborda os pressupostos sobre o conhecimento desenvolvidos por Keppe como base do método psicolinguístico trilógico. Para Keppe, o conhecimento é de origem inata, energética, e o que impede a pessoa de conhecer é o bloqueio que ela cria em relação a esta energética através da psicopatologia. Em qualquer processo de aprendizado, o importante é a conscientização desta patologia para que o ser humano volte à sua natureza original boa, bela e verdadeira deixando o conhecimento brotar do seu interior. A primeira parte desta pesquisa é explicativa, pois busca identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos na hora da aplicação de métodos de ensino de idiomas, e verifica a origem da filosofia por detrás destas metodologias para entendermos o “porque” das mesmas. Para este fim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica por meio de livros e artigos científicos, publicações avulsas, monografias etc. O estudo volta seu foco de interesse em filosofias que têm influenciado a maneira de ensinar idiomas e descobre que todas elas se baseiam nos pressupostos aristotélicos derivados da sua metafísica invertida, que leva a acreditar que o maior vem do menor e que o conhecimento vem dos sentidos (do exterior). A segunda parte deste estudo é um estudo descritivo sobre os princípios utilizados no método psicolinguístico trilógico de Keppe através de uma pesquisa bibliográfica para dar embasamento às ideias e aprofundar os conhecimentos. No decorrer do estudo, faz-se uma comparação entre os métodos tradicionais e o de Keppe. O estudo também se enriquece com a observação dos fatores que influenciam o processo de aprendizado, com base em 13 anos de experiência em sala de aula. A terceira parte é uma aplicação descritiva de uma aula no método psicolinguístico trilógico para qual se utilizou o método observacional e um estudo de caso para permitir amplo e detalhado conhecimento. Concluiu-se que os métodos utilizados até o surgimento de Keppe partem dos pressupostos aristotélicos e não apresentam grandes diferenças profundas entre si na sua maneira de abordar o aprendizado. O método de Keppe parte da metafísica desinvertida, revolucionando as bases do aprendizado, na qual o ponto central da questão é a aceitação ou a rejeição da realidade (consciência) que implica na questão de ética.

Palavras-chave: Método Psicolinguístico Trilógico, Ensino, Idiomas, Keppe, Trilogia Analítica, Millennium, Consciência, Conhecimento, Aristóteles

ABSTRACT

This paper presents an application of Analytical Trilogy: the trilogical psycholinguistic method created by psychoanalyst and educator Dr. Norberto Keppe. He has dis-inverted metaphysics and unified the fields of theology, philosophy and science. The paper will address Keppe's assumptions pertaining to knowledge, the basis of the trilogical psycholinguistic method. According to Keppe, knowledge is originally innate and stems from energetic factors, and a person can create a blockage towards this energy through psychopathology and sociopathology that will prevent the person from knowing. Awareness of this pathology is important in any learning process, so that human beings can return to their original good, beautiful and true nature allowing knowledge to emanate from within. The first part of this review is explanatory, seeking to identify the factors that determine or contribute to the occurrence of phenomena when applying language learning methods and verifying the philosophical origin behind these methodologies for their better understanding. To this end a comprehensive review of books and scientific papers, publications, monographs etc. was undertaken. The philosophies that have influenced the way languages are taught were on the focus. The review revealed that all of them are based on the Aristotelian assumptions derived from his metaphysics, that is inverted and therefore, states that the greater comes from the lesser and knowledge comes from senses (outside). The second part is a descriptive study on the principles of Keppe's trilogical psycholinguistic method. In this study, a comparison with traditional methods to that of Keppe's is made. The third part is based on observational method and contains a description of a lesson using trilogical psycholinguistic method and a case study, which allows a broader and more detailed understanding. A conclusion was reached that the methods used before the Keppean method stem from Aristotelian assumptions having no major differences among them. However, Keppe's methodology derives from the dis-inverted metaphysics, revolutionizing the foundations of learning, and the main question in language learning process is the acceptance or rejection of reality (consciousness) which implies the question of ethics.

Keywords: Trilogical Psycholinguistic Method, Education, Languages, Keppe, Analytical Trilogy, Millennium, Awareness, Consciousness, Knowledge, Aristotle

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. TEORIAS EDUCACIONAIS DO SÉCULO XX INFLUENCIANDO O ENSINO DE IDIOMAS	12
1.1. A importância de se conhecer a influência da filosofia	12
1.2. A origem aristotélica dos métodos de ensino de idiomas	13
1.3. O Estruturalismo.....	14
1.4. O Grupo de Oxford.....	15
1.5. A Filosofia Germânica e a Escola de Frankfurt	16
1.6. Jean Piaget	17
1.7. Skinner	18
1.8. John Dewey	19
1.9. Considerações sobre os métodos educacionais do século 20 sob o ponto de vista trilógico	19
CAPÍTULO 2: A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO MÉTODO (TERAPÊUTICO) PSICOLINGUÍSTICO TRILÓGICO	22
2.1. O Método Terapêutico Psicolinguístico de Norberto Keppe	22
2.2. A formação do homem universal	24
2.3. Energética e magnetismo do aprendizado	25
2.4. A Consciência do erro	28
2.5. A ação boa (amor) como a base do aprendizado	29
2.6. A estética de uma aula	30
2.7. A aprendizagem de uma língua estrangeira	31
2.8. A resistência à aprendizagem	32
2.9. A importância da conscientização da psicossociopatologia no processo de aprendizagem	35
CAPÍTULO 3: APLICAÇÃO DO MÉTODO TERAPÊUTICO PSICOLINGUISTICO NO ENSINO DE IDIOMAS NA ESCOLA DE LÍNGUAS MILLENNIUM.....	37
3.1. O material didático do Método Psicolinguístico Trilógico.....	38
3.2. Aula Consicentização e Inconsicentização.....	40
3.3. A conversação resulta da conscientização.....	42
3.4. Música e arte na sala de aula.....	43
3.4. Caso de estudo	44
3.3. Professor terapeuta.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	48
ANEXO A.....	50

INTRODUÇÃO

A Escola de Línguas Millennium em São Paulo, Brasil, utiliza o método psicolinguístico trilógico criado pelo psicanalista, filósofo e cientista social Dr. Norberto Keppe desde 1997. Existem vários estudos sobre a eficácia do método terapêutico trilógico, dos benefícios do processo de conscientização no aprendizado e na saúde. Por exemplo, no estudo realizado nas Escolas de Línguas Millennium no ano de 2009 verificou-se que 86% dos alunos, que estudavam idiomas mais de seis meses com o método trilógico, afirmaram ter uma melhora de saúde; 82% obtiveram uma melhora na vida emocional; 75% melhoraram seus relacionamentos e 71% relataram um desenvolvimento profissional (LINDQVIST, 2011). Há centenas de casos de estudos de alunos que se curaram das suas doenças através das aulas na Millennium. Estes resultados certamente justificam o aprofundamento no estudo desta metodologia. Este estudo, no entanto, vai descrever como este método é aplicado em aula para se chegar a este resultado.

“Método” é uma palavra que provém do termo grego *methodos* (“caminho” ou “via”) e que se refere ao meio utilizado para chegar a um fim. Em pedagogia, entende-se por métodos os diferentes modos de proporcionar uma dada aprendizagem e que foram sendo individualizados pelos pedagogos ou a investigação científica¹. No decorrer deste estudo, serão mostradas as ferramentas básicas, casos de estudo e um modelo de aula aplicada na Millennium, e supõe-se que ao repetir o processo em outros locais, por outros profissionais, os resultados devam ser igualmente entusiasmantes e libertadores.

Tendo esse objetivo como ponto de partida para esta pesquisa, buscou-se responder alguns questionamentos como, por exemplo: qual a diferença principal entre a base filosófica dos métodos tradicionais de ensino de idiomas e aquela do método psicolinguístico trilógico; quais os princípios do método psicolinguístico trilógico; como esses princípios são aplicados em sala de aula na Escola de Línguas Millennium. Para este fim, foi feito um estudo bibliográfico sobre os autores que influenciaram o pensamento humano e o ensino de idiomas; foi estudada extensivamente a obra de Norberto Keppe, psicanalista e criador do método psicolinguístico trilógico e orientador pedagógico da Escola de Línguas Millennium.

¹ <http://conceito.de/metodo#ixzz2H6Srtsa>

A pesquisa também se baseia em mais de 13 anos de experiência de ensino com a referida metodologia em sala de aula nessa instituição. Com base nesta experiência, foram levantados casos de estudo e seus resultados.

O trabalho apresentado aborda três capítulos: o capítulo 1 apresenta as bases filosóficas influenciadoras do ensino, para que o leitor possa situar-se no contexto histórico e filosófico, seguido pelo capítulo 2, que descreve os princípios do método psicolinguístico trilógico de Keppe utilizado na Escola de Línguas Millennium. No capítulo 3, é descrita uma aplicação de aula para a conscientização, aplicando-se o método em questão, além de casos de estudo. O estudo de caso contribui para que as idéias apresentadas nesse trabalho ganhem força por meio da correlação entre elas e a aplicação prática.

Por fim, seguem-se as referências bibliográficas.

.

CAPÍTULO 1. TEORIAS EDUCACIONAIS DO SÉCULO XX INFLUENCIANDO O ENSINO DE IDIOMAS

Neste capítulo apresentar-se-ão as principais teorias filosóficas do século XX, pois são elas que dirigem os sistemas de ensino, inclusive os de ensino de idiomas. Limitamo-nos a estudar as filosofias do século XX porque o estudo do sistema através do qual as pessoas adquirem uma segunda língua é um fenômeno parcialmente recente, pertencente à segunda metade do século XX (ELLIS, 1997 apud HAZT, s.d.). As três correntes fundamentais filosóficas do século XX que até hoje dirigiram o pensamento da humanidade são o Estruturalismo, o Grupo de Oxford e a Escola de Frankfurt, que serão analisadas em seguida sob o ponto de vista psico-patológico e como estas influenciaram os métodos de ensino de idiomas.

São os pressupostos filosóficos que vão gerar um determinado método para o ensino de línguas. Por exemplo, o método gerado pela ideia que a língua é uma resposta automática a um estímulo e que a aprendizagem se dá pela automatização dessas respostas (Skinner) será diferente do método baseado na crença de que a língua é uma atividade cognitiva e de que a aprendizagem acontece pela internalização das regras que geram essa atividade (estruturalismo).

Dentre os métodos de ensino de idiomas mais usados, há o método tradicional de gramática e de tradução, o método direto em que a transmissão de idéias é feita através de gestos e figuras e a ênfase está na língua falada, e suas derivações, o método áudio lingual e o método audiocomunicativo ou também chamado sociocultural (para definições mais detalhadas, vide Anexo A). Neste estudo fica evidente que os métodos de ensino de idiomas usados têm a sua origem no pensamento aristotélico, cujos erros serão abordados para melhor compreensão dos motivos dos fracassos do ensino de idiomas e da relevância do método psicolinguístico trológico.

1.1. A importância de se conhecer a influência da filosofia

O presente depende do passado, tanto no indivíduo como na sociedade. A maneira de pensar (sentir e agir) do ser humano é uma herança milenar que segue o pensamento deste ou daquele pensador. Os métodos de ensino de idiomas se baseiam em diferentes vertentes filosóficas e científicas, cuja compreensão vai nos dar um pano de fundo abrangente sobre o desenvolvimento do estudo de idiomas da

abordagem tradicional para a estrutural, cognitiva e comunicativa e nos possibilitará situar o método psicolinguístico trológico de Norberto Keppe no arcabouço filosófico da humanidade e demonstrar a sua base desinvertida, que é contrária (inversa) aos outros métodos.

As teorias científicas e filosóficas do século 20 têm seguido em sua maior parte o aristotelismo, a educação não sendo uma exceção a esta regra. As duas maiores vertentes de ensino de idiomas, o racionalismo e o empirismo (DILLER 1978 apud GONDIM, 2008) são ambas frutos do pensamento aristotélico. No século 20, a língua se transformou na questão central da própria filosofia, o que quer dizer que na própria filosofia não mais se questionava a causalidade, mas simplesmente discursava-se sobre o uso da palavra “causalidade” (OLIVEIRA, 1996). Aqui é clara a intenção megalômana do ser humano querer pensar que a palavra criaria a realidade e demonstra uma mediocrização do mesmo. Nesta situação, surge uma nova concepção de ensino:

Parece incrível o que estamos vendo ultimamente, ao se valorizar o secundário, pretendendo que ele assuma função primordial; acredito mesmo que a mente humana esgotou sua capacidade de pensar, pois tudo que poderia ser raciocinado já foi feito. Estamos em uma nova era, na qual temos de procurar um caminho diverso do que o estreitamente filosófico, ou científico no seu sentido positivista, ou teológico tradicional – temos que uni-los em uma nova concepção de vida. (KEPPE N. , 1983 p.260-261)

1.2. A Origem aristotélica dos métodos de ensino de idiomas

A base do pensamento ocidental atual está na orientação de Aristóteles, que também é chamada de racionalismo, que procura criar uma maneira correta de pensar (lógica) e acha que a verdade está no raciocínio, levando a humanidade a se basear num jogo de palavras e de argumentação (intelectualismo).

O processo de conhecimento aristotélico parte do que denomina: a primeira operação da mente, ou seja, a simples apreensão (*De prima mentis operatione, simplex apprehensio*); a segunda operação da mente, que é o juízo (*de secunda mentis operatione, de judicio*); e a terceira operação da mente: o raciocínio (*De tertia mentis operatione, de ratiocinio*) (*Suma Philosophie Scholasticae, Lógica Minor*, V. Remer, págs. 13, 54 e 85). O estagirita inicia da potência para o ato, não considerando que este último é que fornece o conhecimento, que depois se transforma, além do raciocínio, no juízo e na própria apreensão. (KEPPE N. , 1999, p. 29)

O aristotelismo vê o intelecto como o motor de todo universo, ignorando o fato que o problema do conhecimento é mais atinente ao sentimento. Para Keppe, a dificuldade primordial do ser humano não é intelectual, mas emocional.

Aristóteles considerava que o maior viria do menor, o conhecimento dos sentidos, o ato da potência. Os métodos de ensino de idiomas no século XX seguiram historicamente a abordagem tradicional em que se ensinava principalmente gramática de forma dedutiva, baseando-se no aristotelismo através do conceito de Locke (1630-1704) sobre a Tábua Rasa, que implica no princípio de querer inserir informações na mente humana de fora para dentro, como se a função da educação fosse alcançar o conhecimento, a ética, a perfeição e a felicidade, elementos que supostamente faltassem ao ser humano. E não que o ser humano já tem o conhecimento e a perfeição, mas que ele os rejeita. Segundo Platão, ninguém tenta saber algo que já conhece e muito menos saber o que não sabe. Em contraposição à visão de Platão, que dizia que o conhecimento tinha um caráter infuso, Aristóteles via o conhecimento oriundo dos sentidos: “nihil est in intellectos quod prius non fuerit in sensos”, levando a humanidade a uma atitude sensorialista.

Ao desinverter a metafísica de Aristoteles, Keppe foi capaz de solucionar muitos dos enigmas da ciência e suas descobertas foram aplicadas em vários campos (física, economia, medicina e educação etc.), inclusive no ensino de idiomas. Keppe diz que quem tem o maior tem o menor, quem não tem o maior, também não tem o menor.

1.3. Estruturalismo

O estruturalismo foi uma abordagem filosófica que deu muito valor à língua em si, porque pretendia conhecer e tratar o homem através da palavra. Foi muito utilizado no século XX para analisar a língua, a cultura, a filosofia da matemática e a sociedade. Começou com o suíço Ferdinand Saussure, quando afirmava que uma estrutura é entendida como um sistema que explica o arranjo do todo em partes, as quais são solidárias. Foi a partir daí que a linguística passa a ser reconhecida como um estudo científico.

De um modo geral, o estruturalismo procurou explorar as interrelações (as "estruturas") através das quais o significado seria produzido dentro de uma cultura. Segundo Saussure, não havia um elo específico entre o significante e o significado,

dando um enorme valor ao que o homem determina. Ele quis dizer, por exemplo, que a árvore é assim chamada por arbitrariedade e poderia igualmente ser chamada de sapo ou de panela. Este estudo chama-se semiologia.

Os chamados linguistas dão grande importância à língua e querem mesmo utilizar o que é menor (a língua) e substituir a própria filosofia e metafísica por um jogo de palavras (KEPPE N. , 1983 p. 245, 259). O estruturalismo, por influência da filosofia existencialista e da fenomenologia, deu uma grande importância à língua, que de fato é uma parte secundária do conhecimento, comunicação e vida. Trocou-se o fundamental pelo secundário. No estruturalismo, apareceu o desejo do homem de querer ser o criador da realidade (teomania) e fazer uso da língua para esta finalidade. Ele teve uma grande influência sobre as demais correntes de pensamento do século XX, desenvolvendo extremadamente o aspecto intelectual (KEPPE N. , 1983 p. 245, 259), inclusive pensando que todos aprendiam da mesma forma através de estímulos e respostas, com intensa repetição e memorização de diálogos fora do contexto real. (GONDIM, 2008).

Um dos agentes modificadores do estruturalismo foi Avram Noam Chomsky que rejeitou o método direto e o audiolingualismo, dizendo que o ser humano é dotado de um cérebro, capaz de aprender línguas (GONDIM, 2008, p. 22) em outras palavras, reconhece a ideia platônica de conhecimento infuso. Isto causou uma mudança na forma de ver o ensino de idiomas em meados dos anos 60. Chomsky criou a Gramática Gerativa ou Transformacional, que abrangia além da análise do texto oral e escrito, as circunstâncias em que o texto era produzido e interpretado, mas não ofereceu nenhuma outra solução pronta para o ensino de línguas (LEFFA, 1988) (RAMIRES, 2006). Foi inspirado pelo racionalismo e pela tradição lógica, sendo a sua orientação também totalmente intelectual, ignorando o sentimento por completo (KEPPE N. , 1983, p. 260).

1.4. O Grupo de Oxford

A orientação do Grupo de Oxford tem dois aspectos: o positivismo linguístico e o terapêutico. Seu pressuposto metodológico é a ideia de que os problemas filosóficos tradicionais resultam de confusões conceituais. É outra tentativa aristotélica de procurar solucionar os problemas através da percepção das confusões gramaticais e da lógica, tentando ensinar a pessoa a raciocinar em vez de verificar o que a está impedindo de raciocinar.

Este grupo deu importância à fala do nativo, que é o princípio do método direto de ensino de idiomas e que surgiu como reação ao método tradicional. Nele, nunca se usa a língua materna, mas a transmissão de idéias é feita através de gestos e figuras, com a sequência de ouvir, falar, ler e escrever como é natural das crianças. (LEFFA, 1988)

Segundo Keppe, o pensamento do Grupo de Oxford aumenta sobremaneira a paranoia individual e social, pois considera o ser humano sem qualquer culpa pelos seus atos ou más intenções. Por exemplo, John Lagshaw Austin (1911-1960) considerava a origem do comportamento proveniente das expressões verbais, algo fora da vida psíquica.

Austin via a linguagem essencialmente como uma ação social; a linguagem e a sociabilidade se imbricam mutuamente de tal forma que a linguagem forma o horizonte a partir de onde os indivíduos exprimem a realidade. (OLIVEIRA, 1996, p. 142) Esta orientação tirou o Império Britânico do empirismo que tinha sido a base do seu apogeu e o levou ao racionalismo puro que se manifesta em tentar entender tudo por um jogo de palavras, aumentando a alienação de todo o povo. (KEPPE N. , 1984, 261)

1.5. A Filosofia Germânica e a Escola de Frankfurt

No pensamento alemão do século XX aparecem alguns pensadores que se opõem ao racionalismo predominante, como Max Scheler, que passou do campo racional para o emocional, dizendo que os valores essenciais são captados intuitivamente, e que o problema do homem implica no de Deus.

Outro influente pensador alemão foi Martin Heidegger (1889-1976), que se preocupou com a questão do ser, não mais tentando explicar tudo pela razão, e que para se encaminhar ao ser seria necessário desvendar a existência autêntica. Deu origem às psicoterapias de filosofia existencialista, que consideram que o ser humano tem que encontrar um sentido para o seu ser, para a vida (não que este sentido já exista por si). Nesse sentido, esta orientação deu uma importância fundamental à consciência, que é uma junção entre o raciocínio e o sentimento, e se distancia do racionalismo puro.

Fundada em 1924, a Escola de Frankfurt é conhecida como a teoria crítica (uma teoria interdisciplinar neo-marxista). Seus membros faziam uma crítica certa à

sociedade, mas viam as causas dos problemas superficialmente, por exemplo, na tecnologia ou no sistema capitalista, e não na atitude e no interior do ser humano, que segue os pensadores invertidos, em geral vendo o ser humano como vítima por falta de conhecimentos de psico-socio-patologia.

Tinha uma ideia trágica do desenvolvimento tecnológico do ser humano, achando a tecnologia negativa e não o uso que o ser humano faz dela. Considera por exemplo que a televisão e o cinema fizeram as artes descaírem (colocando o problema fora do ser humano). Não recomendaram o uso da tecnologia no ensino.

Além da Escola de Frankfurt, surgiu o Círculo de Viena com Moritz Schlick, como reação à filosofia idealista e especulativa (megalômana) que prevalecia nas universidades alemãs e que tinha levado aos desastres do nacional socialismo alemão. Ficou conhecido como positivismo (ou empirismo) lógico, que procura na experiência o valor da verdade última de suas proposições, auxiliado pelas regras da lógica e dos procedimentos matemáticos. Seria uma tentativa de reviver o velho empirismo. Ignoraram a metafísica com a argumentação racionalista de verificabilidade, segundo a qual conceitos como “ser” e “nada” não têm significado por que não são passíveis de verificação, o que depois Heidegger refutou dizendo que o ser é um mistério que não pode ser entendido por ente algum (CHAPPELE apud KEPPE N., 1984 p. 266). Além de Heidegger, Karl Jaspers mergulhou na transcendência e afirmou que não era possível a demonstração da existência de Deus, pois estamos em contato com ele.

1.6. Jean Piaget

A expressão da escola de Frankfurt no campo educacional são as teorias educacionais do suíço Jean Piaget, que via o processo educacional no plano intelectual. Na teoria cognitiva de Piaget existem três estágios de desenvolvimento: 1) sensório-motor (0-2 anos), 2) preparação de operações lógico-concretas (2 a 7 anos) e operações lógico-concretas (de 7 anos até a adolescência) e 3) estágio da lógica formal (adolescência, até a fase adulta). Por isso, as crianças em muitos países começam a frequentar a escola aos 7 anos de idade.

Segundo Keppe, criador da ciência da psico-socio-patologia, o valor de Piaget foi a sua percepção no campo da psicopatologia quando ele identificou o egoísmo nas crianças vendo-o como causa de um pensamento ilógico, mágico, animista e

artificialista (KEPPE N. , 1983, p. 271). Este fato pode ser considerado no caso de alunos com dificuldades de aprendizado, mas não se pode partir do pressuposto de Piaget, de que todo indivíduo é problemático e doente. Além disso, o ponto de partida de Piaget é invertido por ele considerar sob o ponto de visto aristotélico e evolucionista que a criança é um ser incompleto, até bobo, e a educação a levaria a viver corretamente.

Em 1985 o norte-americano Stephen Krashen (1987 apud RAMIRES, 2006) traz ao ensino de línguas as teorias de Piaget, que dizia que o conhecimento é construído em ambientes naturais de interação social, estruturados culturalmente, e estabelece uma nítida distinção entre estudo formal e assimilação natural de idiomas, entre informações acumuladas e habilidades desenvolvidas. Assim o ensino de línguas eficaz não depende de receitas didáticas em pacotes, mas enfatiza o intercâmbio entre pessoas de diferentes culturas. (RAMIRES, 2006, p. 16)

Segundo os métodos cognitivos de ensino de idiomas, as regras de língua são internalizadas através do contato e da organização dos elementos linguísticos a que o aluno está exposto. O aprendizado da segunda língua é visto como um processo mental, que passa pela prática estruturada de várias sub-habilidades até a automação e integração de padrões linguísticos. O estruturalismo deu as bases para a teoria sociocultural, na qual a língua é vista na dimensão social na sua função comunicativa. (GONDIM, 2008, p. 25)

Como continuação desta orientação surgiu ainda a abordagem comunicativa, que via a comunicação como instrumento de mudança social, na qual o objetivo é ensinar o aluno a se comunicar na língua-alvo e adquirir competência comunicativa.

1.7. Skinner

Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) foi um psicólogo americano e proponente do behaviorismo, que é uma redução total da visão a respeito do ser humano, vendo-o ao nível de um animal ou máquina sem alma, afastando-o da vida psíquica. Via o ser humano apenas no aspecto social, ignorando as causas primárias e a natureza transcendental psicológica do mesmo. Ele via o processo educacional como um condicionamento a estímulos e respostas positivas ou negativas procurando criar uma educação controladora e modificadora, em outras palavras, criando uma máscara. Baseando-se na orientação de Skinner, os

linguistas, principalmente nos anos 50, sustentavam que o aprendizado de línguas estaria relacionado a reflexos condicionados, e que a mecânica de imitar, repetir, memorizar e exercitar palavras e frases seria instrumental para se alcançar habilidade comunicativa. (RAMIRES, 2006, p. 14) Esta visão originou os métodos áudio-orais e audiovisuais, baseados em automatismo e atrelados a planos didáticos. Por estimular uma total alienação da realidade, também acreditava que o ser humano poderia ser educado através de máquinas, que no fim o afastam do afeto, ação e verdadeiro conhecimento. (KEPPE S. e., 1989) Os métodos de ensino de idiomas que se usam de laboratórios e de repetição, se baseiam no pensamento alienante de Skinner.

1.8. John Dewey

Para completar esta revisão dos filósofos que influenciaram o ensino no século XX, queremos falar de John Dewey (1859-1952), que foi uma exceção nesta linha racionalista de filosofias e pedagogias. Com a sua herança pragmática americana, notou a ineficácia dos métodos racionalistas tradicionais e afirmou que o pensamento era o resultado da ação e que a ação seria o meio de verificar se as ideias eram corretas ou não. Ele foi capaz intuitivamente de perceber a unificação que existe em todos os campos e notar que a educação estava colocando indivíduos de diferentes campos um contra o outro, perdendo o conhecimento. (KEPPE N. , 1983, p. 240) Por outro lado, incentivou demasiadamente os elogios, típicos da mentalidade americana, tirando o educando da consciência dos próprios erros, que é a base do desenvolvimento.

1.9. Considerações sobre os métodos educacionais do século 20 sob o ponto de vista trológico

Segundo Keppe (1983, p. 249), o século XX caracteriza-se por grande decadência, que pode ser verificada no campo educacional por falta de grandes gênios e talentos. O motivo desse padecimento estaria no modo de pensar aristotélico, que contém três erros principais: 1) considerar que o menor faz o maior, até o ponto dos linguistas do século 20 afirmarem que a linguagem, que é uma coisa totalmente secundária, faria o pensamento. Levou a crer que o conhecimento viria dos sentidos, reduzindo sobremaneira o conhecimento ao campo material dos sentidos, que inclusive são ilusórios. 2) pensar que o conhecimento viria dos

predicados para os universais, o que leva a pessoa a estudar gramática (predicado) em vez da língua e o conteúdo da mensagem. 3) basear o conhecimento na indução - que através da experimentação, a pessoa tiraria uma conclusão, ignorando o fato da experimentação ser secundária a uma ideia universal (a premissa) que sempre antecede qualquer experimentação. Caso contrário, se não houvesse a premissa tirada do universal não haveria nem a experimentação (KEPPE N. , 1999, 249), como demonstra o esquema abaixo. O inducionismo de Aristóteles, e os métodos que o seguem, reforçam a doença (teomania) do homem ao dar a ideia que seria o próprio homem o criador do conhecimento e não que o conhecimento tem uma origem divina fora do ser humano, o que pode ser melhor entendido através dos estudos da Nova Física, principalmente da ressonância, a qual descrevemos no capítulo 2.3.



Figura 1 NK-0048 Mesmo no processo chamado indutivo, a dedução do cientista se baseia no universal.

Em todas estas metodologias domina a ideia de que a língua vem de fora, e não de dentro, e é adquirido o hábito ou internalizada a estrutura da língua. Segundo Keppe, todo problema tem que ser resolvido do interior (para exterior); qualquer circunstância externa tem de ser analisada, para se chegar à sua verdadeira etiologia, que é psicológica, espiritual. (idem, 287)

O ser humano sempre procurou resolver todos os seus problemas através do raciocínio, criando sistemas filosóficos e educacionais. Por isso, os métodos de ensino do século XX também se baseiam todos no raciocínio, que é só uma parte diminuta do ser humano, podendo inclusive funcionar invertidamente no caso da interferência da psicopatologia (emoções negativas: inveja, ódio e raiva).

Se o raciocínio resolvesse os problemas do ser humano, a humanidade já estaria em uma época de grande felicidade. Cada um de nós sabe exatamente o que fazer, porém poucos o realizam – porque o intelecto não é o elemento básico da existência – existe outro mais importante, que geralmente não é tocado, o afeto, pois ele é visto em plano secundário e projetivo, devido ao processo de inversão que fizemos causado pela inveja. (KEPPE N. , 1983, p. 289)

CAPÍTULO 2: A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO MÉTODO (TERAPÊUTICO) PSICOLINGUÍSTICO TRILÓGICO

Os métodos de ensino de línguas têm seguido os pressupostos aristotélicos, segundo os quais o maior vem do menor e o conhecimento vem através dos sentidos, levando o ensino de idiomas a uma contínua inversão. Além disso, dentre as metodologias existentes, os profissionais observam que apesar do método utilizado pelo professor, o aluno pode tanto deixar de aprender como também aprender apesar da abordagem usada pelo professor (LEFFA, 1988). O método psicolinguístico trilógico vem responder a esta questão por trabalhar as camadas mais profundas da psique humana e por se basear na metafísica desinvertida de Keppe.

2.1. O Método Terapêutico Psicolinguístico de Norberto Keppe

O Dr. Norberto R. Keppe, fundador e presidente da Sociedade Internacional de Trilogia Analítica (SITA) fez sua formação psicanalítica em Viena com Viktor E. Frankl (Hospital de Policlínicas, Escola de Análise Existencial), Knut Baumgarten (Child Guidance Clinic) e Igor Caruso (Círculo de Psicologia Profunda). Desenvolveu sua própria teoria e método científicos de tratamento de doenças psíquicas, sociais e orgânicas. Integrou as áreas da teologia, filosofia e ciência, criando um novo campo chamado de psico-sócio-patologia. Desenvolveu, entre outras atividades, o método psicolinguístico trilógico, que é aplicado nas Escolas de Línguas Millennium.

O método significa um caminho cursado para chegar a um determinado fim; poderíamos dizer que o método de Keppe (Trilogia Analítica) visa a volta da humanidade ao bem através da conscientização da psico-sociopatologia. Aplicado ao processo de aprendizado de idiomas, o objetivo do método psicolinguístico trilógico aplicado na Millennium é proporcionar maior equilíbrio, saúde e aprendizado do idioma e o modo de chegar a isso é através da conscientização da psico-sociopatologia, dos bloqueios que impedem o aprendizado. A figura a seguir demonstra como o contato do ser humano com a realidade autêntica é bloqueado pela patologia e principalmente pela censura, através da qual o ser humano se inconscientiza, impedindo de usufruir de toda sua estrutura sã.



Figura 1 NK-0154 Realidade Autêntica

Keppe salienta a importância do amor no processo de aprendizado. Ao contrário dos outros pensadores, que geralmente consideram que para algo ser aceito tem que ser conhecido, diz que só conhecemos o que amamos: “Nada chega ao intelecto se não for através de um ato de amor,” ele parafraseia Aristóteles.

Nada chega ao intelecto se não for através de um ato de amor; primeiramente os sentidos agem sobre os objetos para em seguida o sentimento (bom) levá-lo até a inteligência. Posso dizer o mesmo quando o ser humano quer transmitir por palavras (que é um sentido) o que pensa; quando há amor todas as ideias fluem facilmente e a comunicação é levada a efeito. Praticamente é um processo dialético: sensação e entendimento, imagem e ideia – de entremeio há a ligação ou não; se existe o amor, dá-se o dialetismo. O significado do amor é justamente o de ligação que se estabelece entre o ser humano e a realidade – enquanto que no ódio existe aversão ao conhecimento. (KEPPE N. , 2002, pp. 133-134)

O método de Keppe vem revolucionando a psicoterapia, medicina, economia, física, tecnologia e antes de mais nada o campo do conhecimento por causa da sua metafísica (o estudo das primeiras causas) desinvertida. A história da humanidade tem seguido praticamente duas formas de pensar a respeito do conhecimento no mundo inteiro, uma seguindo Platão que dizia que o conhecimento vinha do alto (do maior para o menor) e outra de Aristóteles que afirmava que o conhecimento vem dos sentidos (do menor para o maior). Os métodos tradicionais se baseiam no pensamento do último, por motivos psicopatológicos de inveja, pois este pensamento procura ignorar a existência do Criador. O método de Keppe (1999), como descrito na sua obra o Homem Universal, se encontra neste aspecto na linha do primeiro; aquilo que o homem pensa já está anteriormente na sua mente. Também é semelhante à maiêutica de Sócrates, ao considerar que o ser humano tem a verdade no seu interior.

2.2. A Formação do Homem Universal

O que acontece numa aula ou no aprendizado acontece muito mais num nível invisível do que visível (como é o caso da própria vida humana) como demonstrado na figura abaixo. Os aspectos invisíveis incluem pensamentos, sentimentos, seus respectivos bloqueios, transtipos, seres espirituais; todos oriundos da mesma energia essencial.

Processo de Conhecimento



Figura 2 Processo de conhecimento NK-1102

Keppe seguiu o caminho oposto ao de Aristóteles, que via a origem do conhecimento nos sentidos, ao afirmar a existência dos universais que são concepções da mente (conceitualismo universal) (KEPPE N. , 1999, p. 89). Assim, retoma o pensamento escolástico dos séculos 12 e 13, que estudavam a origem do conhecimento abordando os universais. O universal é aquilo que o cada um tem na mente desde o nascimento e é criado pela natureza. O conhecimento repousa no interior do ser humano que os teólogos chamam de conhecimento inato. O ser humano perdeu contato com isso principalmente quando ele desenvolveu a ideia que todo conhecimento viria através dos sentidos (aristotelismo). Todos têm na base da mente os universais (pensamento original) dos quais são criados os particulares. É por isso que a língua em si é secundária, pois é oriunda desses universais. Esses universais são captados principalmente pela intuição.

O universal (a idéia correta) é o elemento sã da personalidade e sua deturpação que causa a doença e dificuldades. A tentativa na aula terapêutica é tornar o aluno mais universal (voltar ao seu aspecto universal original), pois quanto mais universal o aluno for, mais sentimentos e conhecimentos terá. E quanto mais particularizado, mais bloqueios criará. Na aula procura-se levar o aluno a perceber o mundo de maneira mais universal. Ao invés da particularização da língua das

escolas convencionais, em se preocuparem em aprender alguma parte gramatical, por exemplo, o uso de preposições, no método de Keppe, o aluno é levado a ver o contexto geral do assunto dando importância também ao sentimento. Em vez de discutirem somente sobre o entendimento, os alunos falam também dos seus sentimentos.

A universalidade da mente aparece num exercício simples e facilmente reproduzível na sala de aula: num texto, pedir que os alunos sublinhem as palavras que conhecem em língua estrangeira em vez de sublinharem as palavras que não conhecem. No primeiro caso é interessante observar o aumento de compreensão – os alunos tendem a entender também os vocábulos anteriormente desconhecidos.

Essa universalização permite ampliar o conhecimento e um processo de aprendizado mais rápido. Uma das funções do professor é elevar o aluno a ver a língua sob um aspecto universal. Quanto mais neurótico o aluno, mais ele quer entender a língua, em vez de aprendê-la. Esta intelectualização, que é reforçada em muitas metodologias de ensino de idiomas que se baseiam principalmente nas ideias do estruturalismo, nada mais é que um bloqueio criado pelo próprio aluno. Se compararmos com as crianças no seu processo natural de aprendizado do idioma, elas não querem entender a língua, mas sim usá-la para se comunicarem. Seria o mesmo que querer entender a vida em vez de vivê-la.

Keppe explica que existem dois tipos de conhecimento: 1) típico dos métodos tradicionais aristotélicos relacionado à compreensão esquematizada e aprendida na sociedade (regras, memorização, acatar as autoridades, aparências) e se baseia na memória, e 2) aquele que vai além dos esquemas sociais e atinge todo o conhecimento e que é fundamentado no amor. É justamente o amor que traz a consciência, e como o ser humano a rejeita, sempre vem escolhendo os métodos racionalistas. (KEPPE N. , 2002, p. 130)

2.3. Energética e Magnetismo do Aprendizado

Segundo Keppe (2008, pp. 75-77), a energia faz o entendimento que é a vida intelectual, e essa energia vem do alto, do espiritual. Ela pode ser recusada por nossas atitudes patológicas, principalmente a inveja ao Criador.

A ressonância é um fenômeno estudado na física segundo o qual um elemento influencia o outro pela vibração (ondas energéticas), como é o caso de

uma estação de rádio e o aparelho que capta as suas ondas.² O ser humano pode ser comparado a um rádio que capta as ondas emitidas dependendo da sua frequência. Por isso, o aprendizado de idiomas também é um fenômeno energético, ou podemos dizer até mesmo que a própria língua e a palavra são energias. Para entender um elemento exterior é necessário ressoar com ele. Essa ressonância é estabelecida através do sentimento no interior do ser humano resultando de uma conduta sã. (KEPPE N. , 2010, p. 65)

Keppe mostra que qualquer sentimento ou idéia segue a lei do movimento duplo. Por isso temos os dois hemisférios do cérebro. Tudo o que existe sempre se manifesta em duas direções opostas, e não uma negando a outra, mas a completando. Esta é a característica da energia escalar que é o elemento fundamental do conhecimento e da vida. Se uma pessoa fica só em um destes elementos, como ocorre devido à decadência energética da humanidade, o que é incentivado nos métodos racionalistas e empíricos, ela irá capturar o fenômeno de forma invertida. (KEPPE, 1996, apud KOIVUKANGAS, 2008). Por isso, os métodos racionalistas que permanecem somente num elemento, levam o indivíduo à inversão impedindo o verdadeiro conhecimento.

A inversão aparece no fato do cérebro esquerdo dominar o lado direito que é responsável pela intuição e percepção da verdadeira realidade (mundo espiritual). A inversão é a batalha que o ser humano empreende contra o campo divino da ação e o ser em si (Idem). A conscientização dos elementos negativos (inveja, avareza, teomania) irá ajudar o aluno a regressar a este movimento energético original e para o seu equilíbrio original, que na Millennium Línguas foi verificado pelo aprendizado mais rápido, melhorias na saúde e na vida profissional.

Em cada aula terapêutica é estabelecido um campo energético que favorece o aprendizado e a cura do aluno. Este campo energético existe em todo universo e é trazido para a aula através dos sentimentos, pensamentos e ações do professor e alunos presentes e dos assuntos estudados e as suas respectivas ressonâncias. Conforme mostra o gráfico abaixo, os sentimentos e ideias positivas estabelecem uma ressonância positiva resultando na saúde, enquanto sentimentos e ideias más reproduzem uma dissonância levando à enfermidade.

² A ressonância é definida na física como a transferência de energia de um sistema oscilante para outro quando as frequências coincidem.

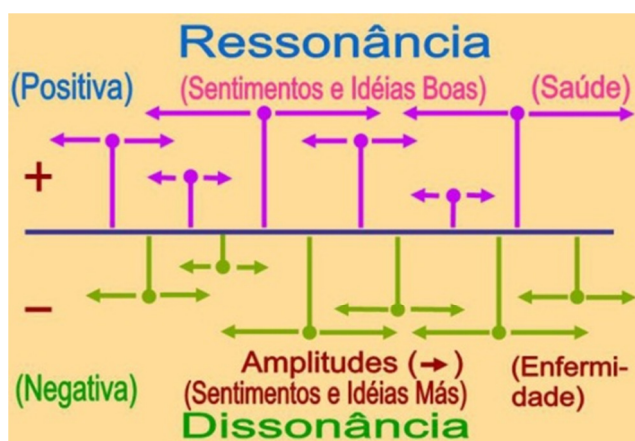


Figura 3 NK-0688 Ressonância

Há três instrumentos principais utilizados pelos professores para a criação desse campo energético nas aulas da Millennium:

- 1) a consciência dos erros
- 2) a ação boa, que é o amor
- 3) a estética

Os seres humanos ressoam entre si, e na aula os alunos criam uma ressonância entre si que facilita o aprendizado. (Por outro lado, existem pactos entre os alunos para brevar o desenvolvimento). Nos grupos em que há mais alunos (por exemplo, comparando grupos de 3 alunos a grupos de 13 alunos), a tendência aos pactos diminui e aumenta a ressonância energética. Isso tem correlação com o conceito popular que nas famílias em que há mais crianças, as crianças tendem a ter mais equilíbrio do que os filhos únicos. Quando um dos alunos acaba entendendo o assunto, fica mais fácil aos outros aprenderem, portanto pode-se ensinar alunos de diferentes dificuldades e níveis ao mesmo tempo. É até prejudicial somente ter alunos com muitas dificuldades semelhantes na mesma turma. Segundo Keppe, foram feitos no Hospital das Clínicas experimentos em análise de grupo em que só se reuniam pessoas com o mesmo tipo de patologia, por exemplo, depressão, e notou-se a enorme dificuldade de cura em comparação com a terapia em grupo em que participavam pessoas de diferentes patologias, depressivos junto com paranóicos e assim por diante. Uma vez na Escola Millennium realizou-se a seguinte experiência: havia duas turmas de inglês, em torno de vinte alunos em cada uma nos níveis de básico 2 e 3 até o nível pré-intermediário. Os alunos foram redistribuídos em duas turmas em que numa participariam os alunos que tinham adquirido um conhecimento maior no idioma, e na outra, os com maior dificuldade de

aprendizado. A premissa foi que estudando em grupos mais homogêneos, que teriam mesmo nível de conhecimento e dificuldade, os alunos poderiam ter um aprendizado melhor. O experimento se mostrou muito ao contrário no caso do grupo que demonstrava mais dificuldade, aliás, resistência em aprender. Este grupo atrasou seu desenvolvimento em relação aos outros em que havia alunos mais abertos ao conhecimento e à energia escalar.

A energia que a pessoa recebe do universo externo, ela também transmite para o ambiente, podendo melhorar também o mundo exterior. Assim, os alunos da Millennium, que participam do trabalho de conscientização, também se tornam agentes modificadores na sociedade. Não raro, o ambiente de trabalho ou da casa dos alunos da Millennium se beneficia da conscientização pela qual esses indivíduos passam.

2.4. A Consciência do Erro

A consciência do erro é maior fonte de energia escalar, da vida. (KEPPE N. , 1994, p. 60) Cada vez que o aluno aceita alguma consciência, há alterações profundas na sua estrutura psicofísica. Isso porque a inconscientização cria um bloqueio no aluno que impede a entrada da energia escalar, e a sua conscientização subtrai os motivos que impedem o funcionamento correto das energias. Exemplos comuns de desbloqueio na sala de aula são os alunos que percebem o seu grau de narcisismo; na hora de se expressarem, estão mais preocupados com a sua imagem do que com a mensagem ou o interesse do outro. Outros verificam o seu grau de arrogância ao não quererem ouvir ninguém ou acharem que já sabem tudo. Alguns chegaram a perceber a sua inveja universal contra todo o bem na vida, que os levava a ver o mundo e os estudos de uma forma muito negativa. Todos eles, ao conscientizarem os bloqueios, modificaram sua existência, pois é praticamente a consciência que determina a existência do ser humano e este é o caminho da libertação da humanidade.

Segundo Keppe, a consciência é um fenômeno intermediário entre o sentimento e o intelecto, dependendo dos dois para se fazer valer – do primeiro (o sentimento), como base e do segundo (o intelecto), como a sua manifestação, e juntos formam o terceiro elemento que é a ação (realização). A consciência também é dialética: ao perceber os próprios erros, o indivíduo também percebe a grandeza de Deus e o vasto universo de bondade, verdade e beleza.

O próprio sentimento, que se identifica com a teologia e que Keppe considera fundamental para o conhecimento, é tão rejeitado justamente porque junto a ele, aparece a visão dos erros, o que não acontece no campo do raciocínio. (KEPPE N. , 1983, p. 285) Foi esse o motivo da humanidade permanecer nos métodos racionalistas e reduzir o conhecimento.

2.5. A Ação Boa (Amor) como a Base do Aprendizado

Os filósofos e educadores sempre quiseram criar sistemas para chegar ao conhecimento enquanto Keppe fala da importância da ação. A pessoa só aprende na ação, e não na teoria; ela só aprende o que faz. Como dizia John Dewey, conhecimento é atividade (KEPPE, 1984, p. 240). No ensino de idiomas, ação significa que os alunos conversam, escutam, leem e escrevem usando suas capacidades internas de sentimento, intelecto e lógica para uma finalidade boa. Nas aulas da Millennium conversa-se de assuntos que têm a ver com os alunos: trabalho, sociedade, espiritualidade, ciência, filosofia, autoconhecimento. Os alunos têm vivências: visitas a museus e exposições, passeios a restaurantes e na natureza etc. para praticar o idioma numa situação real. As conversas das aulas na Millennium têm uma finalidade de conscientização e de aprendizado de conhecimentos úteis para os alunos, que despertam o seu interesse e assim facilitam o aprendizado do próprio idioma.

O ensino tradicional, principalmente no Brasil, é muito teórico, desviando as escolas da sua verdadeira função de educar e fornecer conhecimentos. A fonte da vida está no ato puro e, quando o indivíduo o abandona, destrói-se pela base: adoece, empobrece, perde o brilho intelectual e a simpatia. É pela ação que a pessoa estabelece o contato com a divindade – o qual também dá origem ao conhecimento. (KEPPE N. , 1999, p. 44) A ação é ligada à disciplina. Nas experiências com crianças, o fator que mais as disciplina, é a ação. No momento em que a criança para a ação, começam os problemas de disciplina. Por isso, os métodos expositivos paralisam a ação das crianças, as neurotizando. Neste caso, a função do professor é colocar o aluno em ação, e de início ele vai ter resistência porque ao entrar em ação, ele vai ter que se ver, e este processo de se ver é doloroso para ele por causa da inversão. Para conseguir colocar os alunos em ação, o próprio professor tem que se colocar em ação, passando pelo mesmo processo dos alunos. Os alunos seguem mais a ação do professor do que sua fala.

A natureza, o bem, a forma, a matéria e até mesmo a cor e finalidade de um ser dependem do seu tipo de ação; a essência sendo ato puro, qualquer manifestação acontece, através de forças energéticas – importa dizer que não só as imagens visuais e auditivas se manifestam pelas vibrações, como todas as outras; a vida é formada por células que vibram, seja o olfato, o paladar ou o tato – as captações mentais são organizadas por meio de ondas que atingem o cérebro, muito mais do que as palavras. Se não fosse assim, cada língua teria uma repercussão mental diferente; uma intenção fala muito mais alto do que mil palavras. (KEPPE N. , 1999, p. 59)

O resultado desta ação é um aluno energizado que aprende. A palavra “energia” vem do grego (en + ergia) significando “em ação”. A ação está estreitamente ligada à consciência dos erros. A pessoa ativa admite seus erros, enquanto a inativa não aceita tal consciência. No processo de conhecimento, pela ação de afeto (amor) colocamo-nos em movimento, levando o material sensível para o intelecto que o absorve, formando o conhecimento.

2.6. A Estética de uma Aula

No seu estudo sobre sociopatologia, Keppe (2002) constata que a estética é a verdadeira base da civilização e demonstra que as pessoas e países mais ligados ao campo da estética são os mais desenvolvidos. Por estética queremos dizer a harmonia de formas, que está diretamente ligada ao equilíbrio interior. Na Grécia Antiga, a música era usada na educação para harmonizar o ser humano, trazendo-o de volta aos padrões mais saudáveis de pensamentos, sentimentos e ações (CASTRO, 2011). Conforme demonstrado no item anterior, no método de Keppe, o sentimento e a intuição são considerados muito importantes, e como a arte se origina destes aspectos, além de ser o elemento mais lógico que existe, é justamente através da arte que a pessoa pode elevar o seu nível de entendimento. A arte tem a função de equilibrar os dois hemisférios cerebrais, já que neste caso existe o uso simultâneo do lado esquerdo, responsável pela lógica e linguagem, e do lado direito, responsável pelo sentimento e intuição. (AVELINO, 2011, p. 135) Por isso também nas aulas na Millennium dá-se uma importância fundamental à questão da estética. Materiais educativos envolvendo música, pintura, literatura, cinema e outros, são altamente terapêuticos, ajudando na elevação energética do aluno.

O ser humano é composto de três aspectos: o bem, a verdade e a beleza, que são inerentes à nossa natureza. Quando vive de acordo com a sua natureza

trina, é saudável, inteligente, criativo, comunicativo, verdadeiro, virtuoso. O gráfico a seguir mostra a visão da origem energética de tudo que existe.

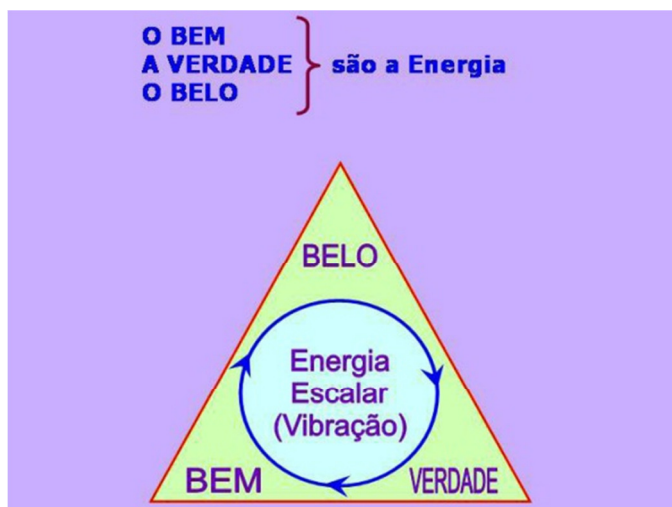


Figura 4 O Bem, a Verdade e o Belo são a Energia NK-0156

As crianças têm uma facilidade muito grande no campo das artes, em contraposição ao campo matemático que é totalmente dedutivo, racionalista. Praticamente sem exceção se entusiasma por atividades que envolvam artes, no ensino de idiomas, especialmente a música. A música é universal e a facilidade que ela tem de penetrar na mente do homem é formidável. Ela age na sociedade de forma indutiva, julgando, alertando, esclarecendo e principalmente educando. (PIAGET, 1973 apud CASTRO et al, 2011)

2.7. A Aprendizagem de uma Língua Estrangeira

Em todas as outras metodologias estudadas e descritas no capítulo um, predomina a ideia aristotélica de que o conhecimento viria de fora, motivo pelo qual a maioria dos estudiosos do sistema de aprendizagem de idiomas discursa sobre o *input* e o *output* do aluno, numa clara perda de tempo derivada da maneira pela qual vemos a língua. Contudo, Ferrari (2003, apud HATZ) diz que se mudarmos a forma de ver a língua e sua relação com o falante, então poderemos ter outros resultados. Por isso, estudamos a visão de Keppe sobre a língua derivada da metafísica desinvertida.

Para Keppe, o aprendizado da língua é de origem energética. O ser humano que aceita esta energética, a transforma em sentimentos, ideias e ações e depois inclusive em palavras. Por causa da sua origem energética uma, que é a origem de

tudo que existe, a própria língua segue os conceitos universais tendo todos os idiomas o mesmo funcionamento, de acordo com a estrutura do ser humano.

O ser que está em contato direto com o mundo exterior, apreende tudo imediatamente, seja pelas sensações, sentimentos, consciência e intuição e, finalmente, pelo conhecimento (intelectual) — passando-se aqui o mesmo fenômeno dos computadores no processo de decodificação; por esse motivo, cada povo tem linguagem específica, mas em sua essência contém o mesmo sistema de funcionamento: a ação, o centro (o verbo), depois os substantivos, adjetivos, pronomes e advérbios mais ou menos fixos. (KEPPE N. , 1999, p. 57)

Quanto mais ligada aos universais, mais perfeita a comunicação, até o ponto de eliminar a necessidade da língua, se fossemos totalmente ligados aos universais (bem, verdade e beleza). A língua provavelmente começou a existir na sua forma atual como decorrência da decadência humana. Isso é ilustrado na Bíblia na história da Torre de Babel em que, devido à arrogância do ser humano, perdeu-se a capacidade de entender um ao outro e assim deu-se início às várias línguas. Neste caso, o aprendizado de língua implicaria na volta à situação original, na medida do possível.

2.8. A Resistência à Aprendizagem

O conhecimento é como o sentimento de ética, toda pessoa o tem. A questão é se a pessoa o aceita ou rejeita. Podemos notar que a maior parte do conhecimento é rejeitada, e por isso devemos estudar as causas desta rejeição.

A prerrogativa mais importante para o ser humano é conhecimento, e infelizmente toda percepção que ele faz imediatamente corrompe — em uma atitude já habitual. O conhecimento é espontâneo, ou melhor, forma-se naturalmente, mas nossa vontade invertida o destrói sistematicamente; deixamos a vontade totalmente livre, e com isso decompomos, deterioramos e pervertemos a própria mente. Por esse motivo, a maioria das pessoas apresenta expressão boba (alienada), furiosa ou simplesmente maliciosa. (KEPPE N. , 1991, p. 17)

Como vimos no item 2.3., o conhecimento vem da energia escalar que o ser humano capta do exterior. O problema do aprendizado implica na atitude do ser humano de rejeitar esta energia; são a inveja e outras emoções negativas que impedem a sua entrada, o que significa que o próprio indivíduo limita o conhecimento. Estas atitudes patológicas são os bloqueios que criamos com a

intenção de recusar o ser, que é bondade, verdade e beleza segundo os antigos filósofos gregos (KEPPE N. , 1999a, p. 47, 1999b, p. 79 apud KOIVUKANGAS, 2008). O gráfico a seguir mostra que o ser humano está aprisionado na energia orbital porque existe uma barreira à energia escalar que é criada principalmente pela psicopatologia (inveja, ódio, arrogância, megalomania) do indivíduo.



Figura 5 NK-1072 Armadilha do Conhecimento

A conscientização desta barreira faz com que a pessoa receba mais energia escalar, que forma o conhecimento. Por isso, os alunos da Millennium passam por um processo de conscientização em que se utilizam textos terapêuticos, programas de televisão e rádio terapêuticos, e diálogo.

Keppe descobriu nas suas pesquisas de psicopatologia que o ser humano se opõe ao bem. Esse é o problema fundamental do ser humano no aprendizado. O ser humano tem uma forte oposição ao conhecimento que pode ser chamada de inveja universal. A atitude destrutiva de inveja não é claramente percebida, já pela sua própria definição³, mas pode ser conscientizada no processo terapêutico. Keppe explica, em seu modelo do Triângulo Infernal de Neurose (figura 6) que o maior problema do ser humano não é exatamente o fato de ter inveja, mas o de não querer vê-la, que é a censura.

³ A palavra inveja, *invidere* em latim, quer dizer não ver (*in* = não, *videre* = ver). Na atitude invejosa, a pessoa não quer ver o bem, o belo e o verdadeiro.

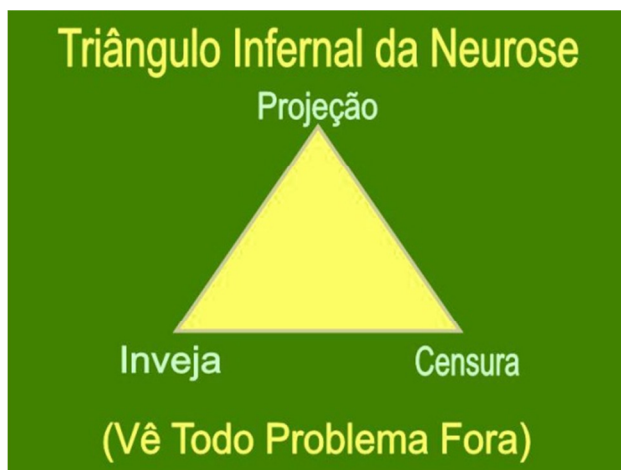


Figura 6 NK-144 Triângulo Infernal da Neurose

A censura leva ao processo de projeção, quando uma pessoa pensa que os outros são responsáveis por suas dificuldades e misérias, e não que em grande parte estas são o resultado de suas próprias atitudes invejosas e inconscientes (Keppe, 2000, p. 97). Por exemplo, o aluno pode pensar que ele não está aprendendo, pois o professor não é bom, o livro de estudo não é adequado, a sua inteligência não é suficiente, etc. e não quer ver a sua atitude de oposição ao que é bom na sua vida.

Existem três elementos fundamentais que ocasionam a doença: o primeiro evidentemente é a inveja, que pode ser identificada à inconsciência freudiana; o segundo é a resistência ou censura à consciência, que impede de perceber a causa da enfermidade – e o terceiro e como consequência dos dois anteriores é a projeção, quando o ser humano já doente joga todas as suas mazelas no mundo exterior. Mas, dentre os três, o que se torna mais atuante e perigoso durante o transcorrer da doença é a censura que o homem realiza, impedindo que sua mente trabalhe com a consciência, sobrecarregando toda a composição psicofísica. E a censura se caracteriza pela atuação sem ética. (KEPPE N. , 2000, p.40)

No aprendizado de línguas, o medo, “dar branco”, timidez e esquecer são sintomas da censura da pessoa, não querendo ver que está rejeitando um bem (o conhecimento). Quando o aluno conscientiza estas barreiras, ele pára de resistir à energia escalar que forma não só seus conhecimentos, mas também toda sua estrutura. Além do aprendizado rápido, os alunos se curam de doenças orgânicas e dificuldades sociais que também são resultado de impedir a energia escalar.

2.9. A Importância da Conscientização da Psicossociopatologia no Processo de Aprendizagem

A chave para se aprender um idioma está na conscientização da psicossociopatologia, que abre a mente para a energia escalar formadora de todo que existe, inclusive do conhecimento. Assim, todo aprendizado depende desta energia. O método de Keppe trabalha com a conscientização, que é a união do pensamento e do sentimento resultando na ação.

Segundo Keppe (1999, p. 87), pessoa alguma pode aprender algo: a) porque não pode acrescentar qualquer coisa, ao que já é e possui em seu interior, b) pelo contrário, tem de prestar atenção aos fatores patológicos, que a impedem de reconhecer o que já sabe em seu sentido formal.

Usa-se o método dialético de interiorização, que é o processo de se perceber o que se desenrola na vida interior, que verdadeiramente comanda tudo que se passa no exterior. Na Millennium ensina-se o aluno a ver que o que ele não gosta de ver nos outros é justamente o que ele não gosta de ver em si mesmo. Por exemplo, um aluno que fica muito irritado de ver o colega ter dificuldades, na verdade não está tendo tolerância em ver as próprias dificuldades. A percepção deste fato, que leva a aceitar o contato com o próprio interior, que inclusive inclui todo o bem, acalma o aluno e ele consegue se concentrar no próprio estudo, e parar de censurar o colega e a si próprio. O esquema abaixo demonstra como através da conscientização, os problemas, resistências e projeções são transformados em tolerância, aceitação e introjeção, criando condições verdadeiras para a aprendizagem.



Figura 7 Processo de conscientização NK-1128

A interiorização oferece um ambiente de estudo mais tranquilo e tolerante, no qual se incentiva a ação sem medo de ver os erros; o que não acontece na maioria das escolas, em que o aluno com dificuldade é marginalizado, pois os outros alunos ou o professor não toleram a consciência dos erros, levando a criar um ambiente tenso, que desfavorece o aprendizado. O elemento de competição baseado na inveja se anula também, pois os alunos aprendem sobre a inveja e começam a perceber e controlar essas atitudes em si e nos outros de uma maneira consciente e construtiva, dando espaço à cooperação e à ação boa, que também é incentivada nas aulas na Millennium, pois fornece a verdadeira base do aprendizado; o aluno interessado em ajudar o colega é sempre quem mais aprende, pois a ação boa abre a mente e toda estrutura psicofísica à energia escalar.

Para gerar este ambiente energético favorável ao estudo é importante que tanto o aluno quanto o professor procurem se interiorizar. É muito comum nas escolas o professor não conseguir lidar com os alunos por falta de conhecimento da psicopatologia. Uma professora relatou um caso na sala de aula quando ficou muito irritada com uma aluna que falou que os bandidos deveriam ser mortos pelos policiais. Pedi que ela associasse a conduta da aluna, e ela disse que era uma intolerância muito grande, que a aluna estava querendo metralhar a consciência do problema. Procurei interiorizar a professora, que inicialmente tinha muita dificuldade em ver este aspecto no seu interior, mas que foi relatando mais casos das suas dificuldades com os alunos. Contou que em outra escola em que dava aulas para adolescentes, um aluno mostrou-lhe a língua e ela o enviou à diretoria. Novamente, pedi para associar a conduta do aluno e ela disse que ele estava mostrando a língua para o conhecimento, assim sendo rejeitando o conhecimento. Ela tentava ver isto no próprio interior, e admitia que sua fúria e até o fato de enviá-lo à diretoria foi um ato exagerado e disse então entender, através deste exemplo, como ela também “metralhava” a consciência que os seus alunos demonstraram.

A técnica de interiorização é útil para os profissionais de ensino, mas em contrapartida nos treinamentos para os professores, além de mostrar a sua intransigência em relação à consciência, é sempre importante salientar que o professor representa um bem para o aluno, que este tende a rejeitar por causa da inveja universal.

CAPÍTULO 3: APLICAÇÃO DO MÉTODO TERAPÊUTICO PSICOLINGUÍSTICO NO ENSINO DE IDIOMAS NA ESCOLA DE LÍNGUAS MILLENNIUM

Neste capítulo será explicado como o método psicolinguístico trilógico é aplicado na prática. No capítulo anterior foi discursado sobre a resistência ao aprendizado, e neste procuramos mostrar como se lida com esta questão na sala de aula.

A resistência ao aprendizado se manifesta de várias formas. Um dos problemas que aparecem com grande frequência no processo de aprendizado, e que será abordado na aplicação descrita neste capítulo, é o aluno pensar que não está aprendendo, quando, na prática, é justamente o contrário. Vou explicar o que acontece: quanto mais a pessoa aprende e se desenvolve, mais problemas em si mesma vai ver. Por isso, o famoso filósofo Sócrates dizia: “Quanto mais eu sei, só sei que nada sei”. Quanto mais a pessoa entende algo, mais ela vê que não sabe, seja no estudo ou no trabalho. Por outro lado, uma pessoa que, por exemplo, acabou de sair da faculdade sem nenhuma experiência de trabalho talvez pense, em sua arrogância, que sabe tudo; quem não sabe o idioma também pode pensar que sabe muito e criticar os outros.

Muitas vezes tive alunos que falavam: “Vou melhorar, neste fim de semana vou estudar muito em casa, vou pegar firme,” etc. e com o tempo cheguei a perceber que isso nada mais era do que uma censura muito grande que faziam ao não quererem ver que não estudam como na sua imaginação pensam que deveriam. A aluna N.S. começou a falar que ela estava errando muito na redação e prometia que ia melhorar. Comumente, por acreditar na censura do aluno, quando não há a conscientização, os professores dizem: “Não, você está escrevendo muito bem e que bom que vai melhorar” e logo notarão que o aluno abandona os estudos. No ensino trilógico, com a conscientização, levamos o aluno a aceitar que a percepção dos erros dele é o caminho para o aprendizado. Neste caso, ele está percebendo melhor os erros que comete, o que sempre acontecia, mas sem ele perceber. Além disso, é importante ele ver que não é um estudante perfeito, aliás ninguém é, e os alunos que aceitam esta condição, chegam mais longe nos estudos, pois não fazem uma idealização tão grande de si mesmos.



Watch the TV-program HU 382 (13:59-15:06)

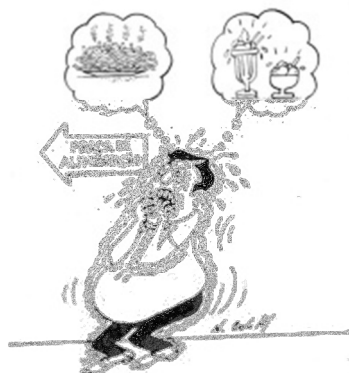
Answer the questions according to the TV-program:

1. Why did we fall from Paradise?
2. According to Dr. Pacheco, what are the consequences of inverted attitudes?
3. In our consumerist society we think we can buy happiness. Is this possible?
4. How do we achieve real happiness?

Watch the TV-program HU 213 (16:50-19:18)

Answer the questions according to the TV-program:

1. What is our principal inversion?
2. Why do we make such an effort to be "cool"?
3. Why do we admire arrogant people?
4. According to Dr. Pacheco, what is humanity's greatest problem?



Copyright
Pacheco, Carlos M. de Oliveira
em Lisboa, São Paulo: Pórtico
Editora, 2007.

Write a little story about the man in the picture:

Imagem 9 Exemplo 2 de material didático da Millennium Línguas

Existem vários estudos que dizem sobre a importância da motivação dos alunos em relação ao sucesso no aprendizado de idiomas e constataam que um dos fatores motivadores é o material didático; mesmo que nós digamos que o fator fundamental da motivação é a percepção da psicopatologia, causadora da desmotivação, como a ingratidão, a inveja, a arrogância. No método psicolinguístico trilógico, o material é composto de leituras de textos de Keppe ou de outros estudiosos da Trilogia Analítica, programas de rádio, filmes e literatura que demonstram questões da realidade, imagens e diálogos terapêuticos criados pelos próprios professores da Millennium Línguas, desde que seguem a dialética correta keppeana. O conteúdo do material do método trilógico desperta um enorme entusiasmo e interesse nos alunos, como notado pelo professor Valdemir Bezerra (AVELINO, 2011, p. 199). Isso porque leva o aluno a equilibrar os dois lados do cérebro. A rejeição do material didático ocorre devido à inversão e projeção que o aluno possa ter por não querer passar por esse processo de conscientização, por achá-lo perigoso ou desagradável. Os professores precisam ter treinamento em psico-socio-terapia para lidar com esta inversão.

3.2. Aula Consicentização e Inconscientização

Na sala de aula acontece um fenômeno interessante, mas desesperador, tanto para o aluno quanto para o professor. O aluno, que se desenvolve e aprende, começa a ver as próprias imperfeições, incompetências e erros, e por inversão pensa que está piorando. Quando um aluno começa manifestar ideias que não está aprendendo (ou mesmo que acha que tem que estudar mais e mais) na grande maioria dos casos, está acontecendo esta inversão, e que se trabalhada e conscientizada, o aluno vai se acalmar e voltar a aceitar o desenvolvimento. Uma das aulas mais eficazes na Millennium para esta conscientização é a estória em quadrinhos de Roberto, o Contador, do capítulo da Inconscientização e Conscientização do livro ABC da Trilogia Analítica de Claudia B. S. Pacheco.

Esta história é abordada nos materiais didáticos de vários níveis de conhecimento de idioma, sendo nesses casos o diferencial, o vocabulário e a estrutura de língua mais elaborada ou mais simplificada. As imagens da história em quadrinhos facilitam a compreensão do idioma e estimulam a conversação.

Nesta estória, Roberto e sua família vivem uma vida totalmente alienada, até que ele começa a ter uma dor de cabeça constante que o faz desconfiar que algo esteja errado e procurar ajuda, primeiro entre os médicos, e depois com um psicanalista trológico. Ele começa a se conscientizar e a dor de cabeça desaparece. O psicanalista explica que ele estava somatizando (transformando problemas emocionais em problemas físicos) para não ver os seus problemas. Agora, ele precisa ver os problemas e começa achar que ele e sua família estão piores. Ele confunde o ver e o ser. Começa a achar que a partir desse momento está se tornando improdutivo, e não que ele sempre foi improdutivo, e agora é que está percebendo isto e inclusive está melhor, e seu mal-estar só vem do fato dele não aceitar ver os erros.

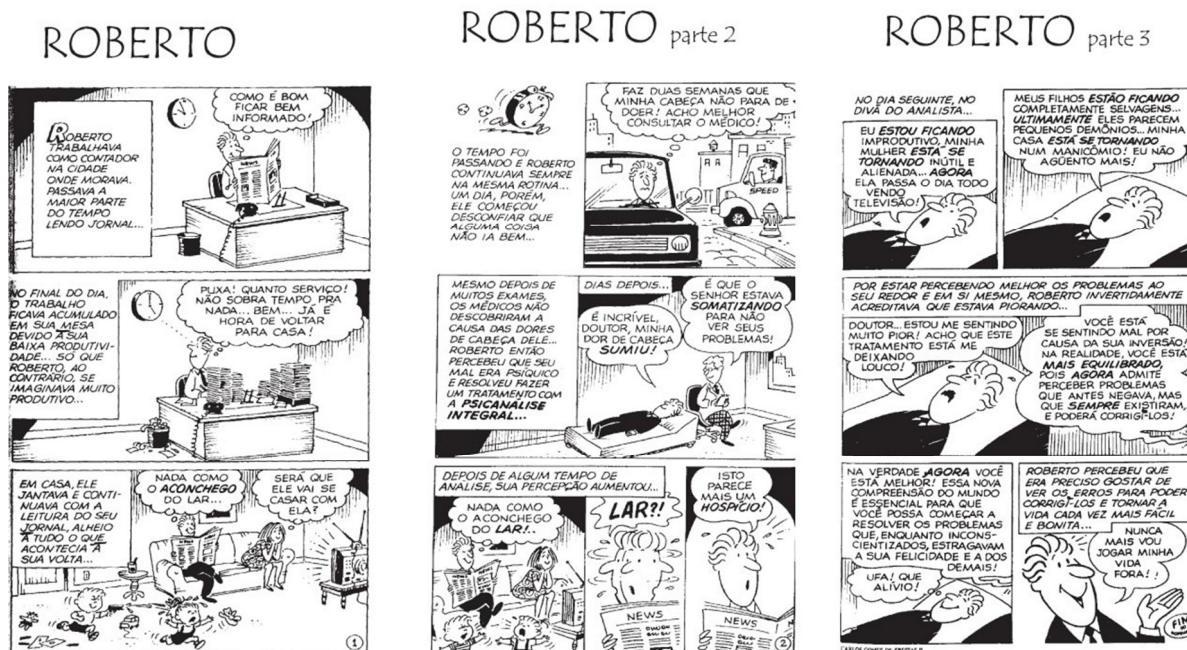


Imagem 10 A história em quadrinhos utilizada na Escola de Línguas Millennium. (PACHECO, 2005, pp. 49-51)

No método de Keppe, considera-se que o que desbloqueia o conhecimento infuso do aluno, é a sua percepção das ideias e sentimentos errôneos. Só neste capítulo, os alunos podem aprender os conceitos da psicopatologia de: a) alienação (inveja); b) inversão que significa ver o que é bom como mal e mal como o bem; no caso de Roberto, que a percepção dos problemas significava que ele tinha estes problemas e não que eles sempre existiram e na verdade esta percepção era um enorme bem para ele, que ele estava rejeitando; c) somatização que é a transferência dos problemas emocionais em problemas orgânicos. Em seguida, para colocar na prática estes conceitos, o professor pede aos alunos seus próprios exemplos ou exemplos de pessoas que eles conhecem, pois assim a maioria dos alunos consegue entrar num nível mais profundo: copiando o processo psicanalítico, diríamos que o aluno só conscientiza o que ele fala, o que sai do interior dele, e não o que o professor fala.

Podemos usar a própria história de Roberto para conscientizar o pensamento aristotélico invertido (que parte do ato para a potência) através do seguinte diálogo. O que Roberto precisa fazer para melhorar? No pensamento aristotélico diríamos que ele precisa mudar de emprego, colocar os filhos em uma escola boa, daríamos milhares de conselhos que não levam a nada. No pensamento platônico em que o menor vem do maior, podemos notar que Roberto já tem tudo para ser feliz. A única

coisa que ele precisa fazer é perceber como está estragando este bem e parar de estragá-lo para tornar sua vida mais feliz e bonita. Neste processo de perceber, temos que tratar da inversão, como aconteceu com Roberto, ao se conscientizar dos estragos que fazia na sua vida, achando incorretamente que estava piorando.

As atividades linguísticas desenvolvidas em torno do conceito principal conscientizador podem ser muitas, desde que sejam universais, por exemplo, redação sobre a estória, perguntas e respostas, tradução, conversação, teatro, entre outras.

3.3. A Conversação resulta da conscientização

A estória em quadrinhos serve como base de conversação – uma conversa que lida com elementos psicológicos, invisíveis. Ao mesmo tempo o aluno é levado a compreender muitos aspectos da língua de maneira integral, por exemplo, interrogativa, tempo verbal do passado, presente e futuro, artigos, sem dividir os aspectos do idioma. As imagens facilitam a compreensão do vocabulário. Muitas vezes, no ensino trilógico ao estudar um texto mais profundo, a leitura pode ser feita primeiro no idioma materno do aluno, porque isso faz com que ele sinta (conscientize) mais e depois se torna muito natural decifrar o vocabulário utilizado no texto.

Nas pesquisas feitas na Universidade do Extremo Sul Catarinense entre alunos de inglês, a maior dificuldade apresentada pelos pesquisados, é a habilidade da fala, conseqüentemente a autoestima dos alunos é muito baixa por conta do “medo de errar”, da vergonha de se expressar (RAMIRES, 2006, p. 19). Na verdade, o medo que o aluno tem, não é exatamente de errar, mas de ver os erros que constantemente comete. No método psicolinguístico, chamamos isso de censura: a pessoa não tolera ver imperfeições em si mesma, criando uma tensão interna muito grande que impede o desenvolvimento e bloqueia a comunicação. Esta situação é superada quando o aluno sai da inversão e começa a aceitar a conscientização dos próprios erros. Diferentemente das outras metodologias, os alunos da Millennium têm coragem de participar das conversas, isso porque na aceitação da consciência há entusiasmo, realização, alegria, conversação e audácia, enquanto na censura há medo, estancamento, tristeza, silêncio e covardia. (KEPPE N. , 1983, p. 281)

Por exemplo, A. P., gerente de uma empresa de telecomunicações, precisava se comunicar com americanos para os quais a sua empresa prestava serviços, sentia muita dificuldade em se expressar e tinha muito medo de enfrentar a situação de “conference calls”. Logo nas primeiras aulas ela foi levada a perceber o seu perfeccionismo e entender que os clientes americanos não se importariam tanto com os eventuais erros dela como ela imaginava, mas que eles estariam mais interessados no trabalho dela, no que ela os podia auxiliar para melhorar os negócios, e que de fato, era mais ela mesma que se criticava constantemente e reprimia as suas qualidades ao se preocupar demasiadamente com os aspectos negativos e os erros. Depois da conscientização desta realidade, A.P. foi capaz de participar de “conference calls” sem medo, naturalmente, desenvolvendo seus talentos e sendo reconhecida na empresa. Isso porque a consciência é um fenômeno duplo; juntamente à consciência dos erros, a pessoa percebe concomitantemente a verdade e o bem.

3.4. Música e Arte na Sala de Aula

Como os pressupostos de Keppe consideram a estética e a arte importantes para o desenvolvimento da personalidade, nas aulas da Millennium estudamos também através da música, que pode ser desde a Nona Sinfonia de Beethoven até a música popular.

Junto à estória de Roberto, no caso de estudo de inglês, pode-se usar uma canção dos Beatles, banda até hoje bem aceita pelo público brasileiro, chamada Nowhereman⁴, em que a letra trata da alienação do homem de lugar nenhum, e mostra que todos nós temos um pouco desta personagem bastante fora da realidade, levando o aluno mais uma vez a uma interiorização – utilizando o mundo exterior como um espelho do que acontece no seu mundo interior.

A idéia não é apresentar a música pela música, ou seja, não nos interessa a tradução pela tradução. Todas as atividades na sala de aula devem levar o aluno a abstrair, entender os conceitos universais. A música deverá ser um instrumento para

⁴ Nowhereman by Beatles: He's a real nowhere man, sitting in his nowhere land, making all his nowhere plans for nobody. Doesn't have a point of view, knows not where he's going to, isn't he a bit like you and me? / Nowhere man, please listen, you don't know what you're missing, nowhere man, the world is at your command. / He's as blind as he can be, just sees what he wants to see, nowhere man can you see me at all? / Nowhere man, don't worry, take your time, don't hurry, leave it all 'till somebody else lends you a hand.

abranger os conhecimentos e sentimentos. E como a arte é diretamente ligada tanto à lógica como ao sentimento, os alunos encontram muita facilidade e gosto em aprender com a música, pois ajuda a equilibrar os dois hemisférios cerebrais.

3.4. Caso de estudo

Esta aula de conscientização e inconscientização é ideal para trabalhar com os alunos que se desenvolveram, às vezes muito rápido, e estão considerando o contrário, pensando que estão piorando. São muitos os casos que acompanhei na sala de aula com resultados positivos. Aqui será relatado um caso do processo de conscientização utilizando a ferramenta da estória de Roberto para que possamos atingir um conhecimento mais profundo e exaustivo.

Um dos casos é o de L.R., superintendente de uma multinacional espanhola, que até então não tinha tido necessidade de aprender inglês, mas com a situação da empresa mudada, e por se entusiasmar com o que conheceu do método psicolinguístico trilógico decidiu estudar inglês com a Millennium. Totalmente iniciante no idioma, começou os estudos, e mostrava um progresso bastante animador, desde que como profissional de marketing e comunicação, gostava de se expressar e não sofria de timidez, mesmo tendo tendências para depressão e obesidade. Aprendia mais rápido que a média dos alunos. Chegando ao quarto mês de estudo, R. L. começou a questionar sua falta de aprendizado, pensando até mesmo em trocar de escola. Em outras palavras, estava projetando o problema fora dela, na escola e no método. Falou com sua superior, que também era aluna do curso e que trouxe o assunto para o conhecimento da escola. A queixa da aluna era de não estar aprendendo, e se os professores não tivessem conhecimento da psicopatologia, provavelmente iriam querer mudar a maneira de ensinar, já que a aluna não estaria aprendendo. Tínhamos que olhar a situação mais profundamente – será que não estava aprendendo mesmo ou será que por sua inversão via tudo ao contrário? Keppe diz que para que realize qualquer atividade, o indivíduo é obrigado a reconhecer milhares de dificuldades pessoais e sociais (KEPPE N. , 1999, p. 58). Por isso que a maioria não quer o desenvolvimento, mas prefere o fracasso. L.R. estava na realidade progredindo mais do que ela aguentava. O progresso dela trazia à tona a consciência das suas dificuldades, tanto no estudo como na vida profissional e pessoal.

A aula sobre a história de Roberto foi utilizada na conscientização de R. L., que entendeu o processo pelo qual estava passando. A aceitação da consciência fez a sua angústia transformar-se em grande entusiasmo, e hoje depois de onze meses de estudo (totalizando 90 horas de estudo), já adquiriu um bom nível intermediário no idioma, conseguindo manter a conversação em inglês durante a aula toda. Além do mais, aceita ver mais dificuldades e tornou-se mais tolerante ao lidar com os problemas no trabalho e na família, diminuindo o estresse e a tensão que lhe causavam muitas doenças.

3.3. Professor Terapeuta

Desde que na visão de Keppe no processo de aprendizado, a pessoa simplesmente reconhece o que já tem formalmente no seu interior, o papel do professor é ser mais um facilitador, “um parteiro” de conhecimento, como diria Sócrates, principalmente de levar o aluno a ver o que o impede de ter esse contato com os universais inatos no seu interior. Para poder verdadeiramente ajudar o aluno nesta caminhada, é muito importante que o professor já tenha passado pelo mesmo processo de conscientização, para o qual é recomendável que faça sessões de psicanálise integral semanalmente com um psicanalista credenciado pela SITA. Existe também o curso de Gestão em Psico-Socio-Patologia oferecido pela mesma instituição, no qual se pode aprender as ferramentas necessárias para a aplicação da Trilogia Analítica na sala de aula.

O professor precisa conhecer o que existe por trás das atitudes e ações e dos próprios métodos de ensino que valorizam demasiadamente o intelecto e memorização, ignorando o sentimento, a intuição e a abstração. Se os professores conseguirem conduzir seus alunos à sua vida psíquica, atualmente paralisada e estagnada por causa de atitudes psicopatológicas de inveja, raiva, arrogância e inversão, logo verão o nascimento de uma verdadeira civilização com um número crescente de gênios e indivíduos de valor.

Toda situação em sala de aula traz alguma consciência ao aluno e ao professor, da qual ambos tendem a querer fugir. Como um sintoma desta fuga o professor novo (na profissão) normalmente fala demais 1) por narcisismo, que é desconhecido por ele mesmo 2) por querer mostrar serviço (por acreditar que se não estiver falando, não está ensinando) e 3) medo do silêncio (nesta hora precisa se

ver, e o aluno e o professor não gostam de se ver). No ensino de idiomas, o silêncio tende a ser ainda mais prolongado pela dificuldade de falarem outro idioma.

Vimos no capítulo anterior a importância do amor (sentimento) no processo de aprendizado. A ligação afetiva que o aluno desenvolve em relação ao professor, colegas, escola, material estudado (que representam o bem no interior dele) é um dos fatores de sucesso, mas a questão de gostar é mais o mérito da pessoa que consegue gostar (aluno) e não do outro (professor). O aluno que consegue gostar de um professor, por pior que esse seja, se beneficia em termos de aprendizado. Um professor que é contra o afeto, não permite que os alunos gostem dele, e assim atrapalha o aprendizado, impedindo a ressonância energética. E é ao afeto que o professor precisa recorrer para tolerar a visão da psicopatologia dos alunos e de si próprio.

Muitas vezes eu mesma observei professores quererem que aluno aprendesse e tomarem para si as dores de um aluno que não quer aprender. A realidade é que existem alunos que nunca vão aprender. O que se pode fazer é ver e mostrar as causas pelas quais o aluno não aprende, mas ele também tem o direito de não aprender. Em muitos casos, a pessoa já vem à escola por outros motivos que não o aprendizado do idioma e que às vezes o professor não quer aceitar.

A maior dificuldade do professor é a mesma do aluno; a fuga à consciência. O professor não quer ver os problemas do aluno: desmotivação, agressão, preguiça, mau humor, alienação, pois também não quer ver isto em si próprio, e assim tende a aumentar a máscara do aluno. Só à medida que se interioriza e aceita lidar com os próprios problemas é que o professor verdadeiramente consegue ser um professor terapêutico. Por exemplo, um aluno que fala assim: “Preciso estudar mais, vou fazer muita lição de casa esta semana, agora vou pegar firme” facilmente faz um professor inexperiente acreditar, pois aquele não percebe que atrás da máscara tem a dificuldade dele de ver como ele não estuda. Este medo de ver a imperfeição dele vai logo fazê-lo parar de estudar a não ser que este aspecto seja tratado. O erro do professor inexperiente vai ser o de acreditar na fala e não na ação do aluno, muitas vezes ainda reforçando esta cobrança e máscara. Na prática, verificamos que os alunos menos perfeitos que vão às aulas e se interessam mesmo tendo muitas falhas, no final das contas, são os mais bem-sucedidos. São indivíduos que lidam melhor com suas falhas.

CONCLUSÃO

Este trabalho descreveu uma aplicação da Trilogia Analítica no ensino de idiomas, que é o chamado método psicolinguístico trilógico. Foi feita uma pesquisa comparativa com as outras metodologias e principalmente o “porquê” dos seus pressupostos, tendo que analisar as filosofias por trás dos métodos. Verificamos que os métodos de ensino percorreram décadas a fio com os mesmos pressupostos filosóficos, sendo as diferenças apenas aparentes, desde que a filosofia por trás continuava aristotélica considerando o menor vindo do maior e o conhecimento vindo dos sentidos. Por contrapartida, o método de Keppe parte da desinversão da metafísica de Aristóteles, constatando que o menor vem do maior e o conhecimento tem uma origem inata, energética.

Métodos racionais aristotélicos x método psicolinguístico trilógico	
• O maior vem do menor	• O menor vem do maior
• Particular	• Universal
• O conhecimento vem dos sentidos	• Conhecimento inato
• Origem sensorialista	• Origem energética
• Intelecto	• Intuição - União do intelecto e sentimento
• Para ser aceito, tem que ser conhecido	• Para ser conhecido, tem que ser aceito
• Nada está no intelecto que não tenha passado pelos sentidos	• Nada está no intelecto que não tenha passado pelo sentimento
• Desconhecimento da psicopatologia (máscara)	• Conscientização da psicopatologia

Figura 11 Comparação entre os métodos aristotélicos e o método trilógico

Chegamos à conclusão que se alguns métodos não são eficazes no ensino, muito se deve à herança da metafísica invertida de Aristóteles, o ponto crucial corrigido em toda a obra de Keppe. Os pressupostos de Keppe consideram o conhecimento de origem energética, que entra na estrutura psicofísica do ser humano, se ele não criar bloqueios em relação a esta energética. Chama de universais as concepções divinas da mente que carregam todo o conhecimento. Na sua metodologia, o importante é a conscientização destes bloqueios, em outras palavras, a nossa psico-socio-patologia, que impede ou distorce o contato com os universais. Com estas descobertas aplicadas na prática, a humanidade pode alcançar um apogeu inaudito com o surgimento de muitos talentos e gênios em todos os campos. Nesse relato ficou-nos a certeza de que o aprendizado de idiomas depende principalmente da aceitação ou da rejeição do aluno ao conhecimento, e que este “x” da questão pode ser trabalhado em sala de aula com o método psicolinguístico trilógico, através da conscientização, com materiais didáticos terapêuticos e formação de professores em gestão da psico-socio-patologia. A aplicação de uma aula intitulada “Conscientização e inconscientização” – uma história em quadrinhos terapêutica – descreve o processo de conscientização em uma aula, servindo de guia-exemplo a todos aqueles que queiram reproduzir estes efeitos libertadores no ensino de idiomas. Não foi o foco desta pesquisa relatar os casos de sucesso e as vantagens do método psicolinguístico trilógico, mas conforme o nosso conhecimento de curas e melhoria de vida dos alunos com este método, isso certamente será tema para futuras pesquisas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AVELINO, L. et al. *A Terapia em Sala de Aula*. São Paulo: Proton Editora Ltda, 2011.
- CASTRO, A. N. A Música como Instrumento de Aprendizagem da Língua Inglesa no Ensino Fundamental. *NEUROBIOLOGIA*, abr/jun de 2011. Disponível em: <
[https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:vRam-zjKCCIJ:www.neurobiologia.org/ex_2011.2/Revista%2520Neurobiologia-74\(v.2\)%2520\(2011\)\(In%25EDcio\)%2520\(OK\).pdf](https://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:vRam-zjKCCIJ:www.neurobiologia.org/ex_2011.2/Revista%2520Neurobiologia-74(v.2)%2520(2011)(In%25EDcio)%2520(OK).pdf) > Acesso em 25. jan 2013
- Conceito. (s.d.). <http://conceito.de/metodo#ixzz2H6Srrtsa>. Acesso em: 21 jan. 2013.
- GONDIM, M. L. *Um novo olhar sobre a compreensão Oral – Os mecanismos subjacentes ao ensino de compreensão oral segundo a Abordagem Comunicativa*. Brasília: Universidade Federal de Brasília, 2008.
- HAZT, A. L. A função social e lingüística da música na aprendizagem da língua inglesa. s.d. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/757-4.pdf> Acesso em: 10 fev. 2013.
- KEPPE, N. *Reino do Homem, Vol II*. São Paulo: Proton Editora Ltda, 1983.
- _____. *A Libertação pelo Conhecimento*. São Paulo: Proton Editora, 1991.
- _____. *Metafísica (Trilógica) Vol II fenômenos Sensoriais "Transcendentais"*. São Paulo: Editora Proton, 1994.
- _____. *New Physics of Dis-inverted Metaphysics*. São Paulo: Proton Editora Ltda, 1996.
- _____. *Metafísica Trilógica - A Libertação do Ser*. 2ª Ed. São Paulo: Proton Editora, 1999.
- _____. *O Homem Universal*. São Paulo: Proton Editora, 1999.
- _____. *A Origem das Enfermidades*. São Paulo: Proton, 2000.
- _____. *Sociopatologia*. São Paulo: Proton Editora, 2002.
- _____. *O Reino Divino*. São Paulo: Proton Editora Ltda, 2008.
- KEPPE, S. et al. *Effective Education through Consciousness - A critical analysis of educational methods and a practical proposal for educating children and Adolescents*. São Paulo: Proton Editora, 2000.

- KOIVUKANGAS, S. Disinverting the Learning Process: Psycholinguistic Trilogical Method used at Millennium Language School. *World Congress of Analytical Trilogical*. San Diego, 2008.
- LEFFA, V. J. *Metodologia do ensino de línguas*. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988. Disponível em: <www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Metodologia_ensino_linguas.pdf> Acesso em 25. jan. 2013.
- LINDQVIST, A. K. Aprenda uma língua e melhore sua saúde. *Jornal STOP* (50), Março de 2011.
- OLIVEIRA, M. A. *Reviravolta Linguístico-Pragmático na Filosofia Contemporâneo*. Edições Loyola 1996.
- PACHECO, C. B. *ABC da Trilogia Analítica* (7ª ed.). São Paulo: Proton Editora, 2005.
- RAMIRES, I. d. *Experiência metodológica no ensino e aprendizagem da língua inglesa*. CRICIÚMA, (2006). Disponível em: <www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00002B/00002BC1.pdf> Acesso em 21. jan. 2013.
- VILARINO, S. *Metodologias de ensino*. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/metodologias-ingles.htm>> Acesso em 21. jan. 2013.

ANEXO A

A definição dos métodos de ensino de idiomas por Sabrina Vilarinho⁵.

Tradicional – Metodologia mais antiga, usada para ensinar grego e latim. Consiste no ensino da gramática normativa e no incentivo à tradução literal. É trabalhada através da tradução de palavras de um texto ou de todo corpo textual, da memorização das regras gramaticais e do vocabulário aprendido. O professor é enfatizado como o detentor do saber.

Direta – Em contraposição com a fase anterior, esta metodologia justificava que o aprendizado da nova língua era obtido por meio do contato direto com a mesma e com a exclusão da língua materna como ponto de apoio ou comparação. Usava-se imagens, gestos e simulações para que houvesse entendimento. O professor continua sendo a fonte de conhecimento.

Audiolingual – Também chamado de áudio-oral, surgiu pela necessidade americana de comunicação durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando os soldados que estavam a frente da batalha tiveram que aprender línguas europeias. Trazida para a sala de aula, esta metodologia dá enfoque na audição e fala, ou seja, no ouvir e falar e somente depois na leitura e escrita. Acredita-se que a língua é um hábito que se adquire através da fala, em um processo mecânico de estímulo e resposta, onde as respostas certas são reforçadas e as erradas simplesmente ignoradas. As regras aqui dão lugar aos exemplos e modelos corretos que deveriam ser seguidos. A aquisição da língua vinha por intermédio da repetição e memorização. Ou seja, as estruturas (modelos) apresentadas eram repetidas oralmente, a fim de serem totalmente memorizadas. O professor continua sendo o centro, pois é considerado o mediador do ensino e aprendizagem.

Sociointeracionista – A metodologia mais atual e pode surgir como sociocultural ou comunicativa. Esta abordagem, defendida pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), visa desenvolver a competência linguística através da comunicação, da troca de experiência, da relação construída por meio do convívio entre os seres. Enfatiza situações reais condicionadas ao uso da segunda língua e parte do princípio da reflexão ao utilizar diferentes gêneros textuais.

⁵ <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/metodologias-ingles.htm>